

# **DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA REPRODUÇÃO SOCIAL DO MODO DE VIDA DOS CAMPONESES FAXINALENSES DO PARANÁ**

Marcelo BARRETO<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho busca compreender como os camponeses faxinalenses do Paraná vêm garantindo a reprodução social do seu modo de vida em meio às transformações globais na atualidade. Os faxinais são representados por diversas comunidades, localizadas nas porções Centro-sul e Sudeste do Paraná, as quais praticam o uso comum de suas terras. Atualmente os faxinais passam por vários conflitos. Conflitos estes que acontecem frente às formas de apropriação dos recursos naturais movidas pelo lucro e a extração da renda da terra, como a monocultura da soja, florestamento de pinus e eucalipto e o comércio de terras para venda de chácaras de lazer. São várias as estratégias de resistência que os faxinalenses desenvolvem para fazer frente a essas formas que são marcadas pela valorização das terras nas regiões em que os faxinais se encontram. Busca-se, portanto elucidar essas estratégias, que passam principalmente pelo movimento de autoafirmação coletiva em que os faxinalenses são reconhecidos como “povos tradicionais”. Dessa forma, entende-se que as terras de uso comum dos faxinais vêm passando por certas ressignificações; tanto para os faxinalenses, quanto para a sociedade como um todo que os circunda, em um movimento em que as possibilidades de reprodução social vêm sendo constantemente repensadas.

**Palavras-chave:** Faxinais. Campesinato. Reprodução social.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, câmpus de Irati. Pós-doutorado obtido no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina.

## **CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF SOCIAL REPRODUCTION OF THE FAXINALENSE PEASANTS WAY OF LIFE IN PARANÁ**

### **ABSTRACT**

This work aims to comprehend how the faxinalenses peasants of Paraná have been keeping the social reproduction of their way of life among the actual global changes. The faxinais are represented by several communities, located on the Center-south and Southeast parts of Paraná in which they practice common use of their land. Nowadays the faxinais are passing by several conflicts. Those conflicts happen among different ways of natural resources appropriation moved by profits and land income as soy plantation, pinus and eucalyptus and land commerce. There are several strategies of resistance that the faxinalenses develop to avoid these actions related to land valorization on the region that the faxinais are located. We aim to bring to light these strategies that are related basically to the movement of collective self affirmation in which the faxinalenses are recognized as “traditional people”. This way, it is understood that the lands of common use of the faxinais are area gathering new meanings for the faxinalenses and for society as a hole in a movement that the possibilities of social reproduction are been constantly pondered.

**Key words:** Faxinais. Peasantry. Social reproduction.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca refletir sobre os desafios e possibilidades na reprodução social dos faxinalenses do Paraná, por meio da análise das estratégias adotadas para garantirem a permanência do seu modo de vida na atualidade. Uma delas é a autoafirmação coletiva, e vem figurando como importante elemento em sua luta pela permanência na terra.

Os faxinais são representados por diversas comunidades, localizadas nas porções Centro-sul e Sudeste do Paraná, as quais praticam o uso comum de suas terras, que são conhecidas como *criadouros comunitários* ou *criadores*. Ambos, a terra e os animais são de propriedade de cada família; no entanto, elas não são cercadas e o uso para o apascento desses animais é coletivo. Assim, o usufruto comum, que se dá nos faxinais, refere-se às pastagens que se encontram nestes criadores.

Atualmente, os faxinalenses, com suas práticas que perduram por mais de 200 anos nas regiões Centro-sul e Sudeste do Paraná vêm passando por vários conflitos. Conflitos estes que se processam diante do avanço da monocultura da soja, florestamento com pinus e eucalipto e a compra de terras nos criadores para o estabelecimento de chácaras de lazer. Este avanço é marcado pela forma capitalista de apropriação dos recursos naturais em que a terra não possui outro valor que não seja como mercadoria. É possível notar nas conversas com os moradores dos faxinais, principalmente com os mais idosos, que os criadores possuíam extensão maior no passado (há 50 anos) do que atualmente.

Diante deste avanço, a permanência das terras de uso comum constitui um desafio para os faxinalenses. Em um período em que o capital vem intensificando suas forças para suprimir e subordinar relações que não estejam ligadas ao processo específico de sua reprodução, a necessidade de dar respostas surge como fator importante para garantir a permanência na terra. Resposta esta encontrada por meio da efetivação do movimento social de autoafirmação coletiva dos faxinalenses, a *Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses* (APF).

A construção de uma identidade específica por meio do movimento social (o ser faxinalense) vem dando coesão para se lutar pela permanência na terra enquanto grupo social. Dessa forma, ela vem sendo pensada e repensada não somente pelos faxinalenses, mas também por várias entidades envolvidas com os problemas enfrentados por eles (Estado, ONGs e pesquisadores).

A luta, empreendida por estes camponeses não se trava somente no plano local, diretamente contra os agentes supressórios. Ela ganha força nas ações representativas tanto na

esfera estadual quanto na esfera federal, juntamente com diversos grupos camponeses e indígenas que buscam o reconhecimento com “povos e comunidades tradicionais”<sup>2</sup>.

Por outro lado, pode-se perceber que as famílias faxinalenses travam diversas relações na busca por suas possibilidades; relações estas que são contraditórias. Ao mesmo tempo em que se luta contra as forças supressórias do capital como grupo social organizado, a necessidade de obtenção de rendimentos no âmbito do núcleo familiar faz com que muitos submetam sua força de trabalho a esse mesmo capital, na produção da matéria prima para a indústria. Verificou-se que a integração com a atividade industrial figura como elemento presente nas comunidades visitadas e representa a atividade principal geradora de rendimentos para estas famílias.

Entende-se que o faxinal do passado não é o mesmo do presente. Este passa por transformações ao longo do tempo. As estratégias dos faxinalenses adotadas pela permanência na terra de 50 anos atrás não são as mesmas de hoje. Isto porque o movimento global da acumulação capitalista impõe condições às esferas locais sugerindo novas relações. No entanto, não se pode perceber este como um movimento de direção única, de cima para baixo, visto que as estratégias dos faxinalenses são várias e incluem respostas ao movimento global.

Para dar conta de compreender este *sujeito contraditório* que resiste ao mesmo tempo em que submete sua força de trabalho ao capital e o movimento de duplo sentido entre a esfera global do capital e a local dos faxinalenses, recorreu-se como procedimento metodológico a perspectiva relacional-escalar. Pensou-se, portanto em três unidades escalas (*global, grupo social e família*) como campo aberto, onde as relações desses sujeitos entre si e com o mundo são travadas cotidianamente.

A pesquisa contou com diversos trabalhos de campo em um faxinal localizado na Região Metropolitana de Curitiba (faxinal do Salso), embora outros faxinais tenham sido visitados na região Centro-sul do estado. Foram feitas diversas entrevistas com os faxinalenses dessa comunidade. Dentre estes, encontram-se conversas com lideranças e integrantes da APF, moradores jovens que participam das associações locais e moradores idosos. Para as entrevistas com os moradores idosos, recorreu-se aos relatos da história de vida como técnica de coleta de depoimento, conforme proposto por Ecléa Bossi (2010). Nessas conversas, procurou-se

---

<sup>2</sup> “Povos e comunidades tradicionais” é um termo jurídico criado pelo decreto federal 6.040/07 que dá sustentação para que camponeses e indígenas possam definir o território da sua reprodução social. De acordo com este decreto são povos e comunidades tradicionais “grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

apreender a construção da trajetória dos faxinalenses em um período de aproximadamente 50 anos, no que tange às suas vidas cotidianas. Este procedimento foi adotado para se apreender o movimento de construção das práticas ligadas ao modo de vida dos camponeses faxinalenses durante este período.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes. Na primeira é feita uma breve descrição dos faxinais, como são dispostos os diversos elementos presentes nas comunidades. Na segunda procurou-se abordar a questão do modo de vida a partir das práticas ligadas ao uso comum da terra. Por último, na terceira, trabalha-se o resultado da pesquisa na perspectiva escalar. Nas considerações finais procurou-se delinear alguns pontos na construção de um “projeto faxinalense” para a manutenção do seu modo de vida na atualidade.

## 2 CARACTERIZANDO OS FAXINAIS

As comunidades de faxinais apresentam no seu interior propriedades que, embora sejam particulares, não são cercadas, e os animais, tanto os de grande porte (bovinos e equinos) quanto os de pequeno porte (suínos, caprinos e aves) são criados soltos nos criadouros comunitários (**Figura 1**). As casas também ficam dispersas no interior dos criadouros, ao longo dos caminhos. Cada uma delas possui cerca e portão, pois, junto a elas, encontram-se quintais e pomares individuais, além do paiol e do curral que ficam protegidos da invasão desses animais.

Os animais se alimentam de gramíneas, folhas e alguns pinhões que caem das Araucárias (*Araucaria angustifolia*) no período do inverno. Soma-se a estes o milho, em forma de ração, que é fornecido aos animais diariamente; pela manhã e no final da tarde. Os animais são criados, conforme o caso, ora para o consumo próprio de cada família, ora para o comércio local. A criação de animais para venda, principalmente a do suíno, é uma atividade que sempre esteve presente, não só nos Faxinais, mas no Centro-sul do Paraná como um todo, principalmente no final do século XIX e início do XX.

Observou-se, no faxinal do Salso, em Quitandinha que os animais não são criados para serem vendidos. Porém, em outros faxinais como no Taquari dos Ribeiros, localizado no município de Rio Azul no Centro-sul do estado, constatou-se a criação de animais destinados ao comércio local, principalmente o suíno. Esta alternância quanto ao destino dos animais (consumo próprio ou destinado ao comércio) acontece de acordo com as necessidades de renda

complementar na manutenção das famílias. Os animais funcionam como um “fundo de reserva” para as famílias, caso necessitem dessa renda complementar.



**Figura 1: Imagem do criador no faxinal do Salso em Quitandinha**

Fonte: Marcelo Barreto, 2013.

No interior do criadouro comunitário encontra-se também a erva-mate (*ilex-paraguariensis*), que é uma planta nativa da região Centro-sul do Paraná. A retirada das suas folhas é feita a cada três anos e acontece, geralmente, no final do inverno<sup>3</sup>. Esta poda é feita tanto por funcionários contratados pelas indústrias ervateiras, conhecidos como tarefeiros, quanto pelos próprios faxinalenses.

No criador habitam também famílias que não possuem terras. Estas famílias são geralmente compostas por parentes dos próprios faxinalenses e provenientes de outros locais, onde tiveram que deixar suas terras por razões diversas. Mesmo estando nesta condição, estas ainda têm o direito de criar seus animais no criador, dependendo do consentimento do proprietário da terra na qual elas habitam e da comunidade como um todo.

---

<sup>3</sup> Este quadro é comum na maioria dos casos, porém, há exceções, como a safrinha, que é realizada no mês de dezembro. Também observamos pressões por parte das indústrias ervateiras para que a poda seja feita todo ano. Conforme afirmam os próprios faxinalenses, este evento pode contribuir para o esgotamento total da planta em um período de oito anos.

Os Faxinais não se limitam apenas aos criadores. Localizadas em terras que ficam além desses criadores, as *terras de plantar* ou *terras de planta* (**Figura 2**), correspondem a espaços onde ficam as plantações, geralmente de milho, feijão e/ou fumo. A divisão das propriedades nas terras de plantar se dá pela cerca, e seu cultivo familiar. O destino final dos gêneros cultivados nas terras de plantar é o mercado, seja para o fornecimento de matéria prima para a indústria como acontece com as lavouras de fumo, seja para o cerealista no caso do milho e do feijão, seja para a venda avulsa na cidade.

Embora tenham sido visitados diversos faxinais, tanto no Centro-sul do Paraná, quanto na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), a pesquisa se concentrou no faxinal do Salso. Localizado no município de Quitandinha (**Figuras 3 e 4**), o faxinal do Salso era primeiramente um núcleo ligado à localidade conhecida como Lagoa Verde. A Lagoa Verde era um só criador, que continha vários núcleos familiares muito distantes entre si. Não havia cercas delimitando esses núcleos e os animais ficavam soltos, podendo apascentar em uma área de abrangência que passava os limites do município de Quitandinha.

Com a construção da BR-116 em meados da década de 1940, o criador da Lagoa Verde foi dividido ao meio. Segundo os relatos dos moradores, essa foi a primeira intervenção que ocasionou na diminuição do criador, chegando até mesmo a dividir núcleos familiares contíguos.

Os núcleos familiares, com o tempo iam aumentando, pois as famílias cresciam e havia a necessidade de mais terras para manter seus rendimentos necessários para a reprodução. Dessa forma, a localidade de Lagoa Verde foi se desmembrando a partir dos seus pequenos núcleos que foram constituindo comunidades específicas. No caso do Salso, o núcleo correspondente às famílias Taborda e Colaço foi se destacando e aumentando as suas moradas. Isto se deu aproximadamente no início do século XX.

A denominação de “faxinal” para o Salso passou a ficar corrente entre seus moradores a partir do ano de 2005 quando aconteceu o Primeiro Encontro dos Povos Faxinalenses em Irati. Até então o Salso era conhecido como *criador*. Nome este ainda corrente em algumas comunidades que praticam o uso comum da terra na RMC.



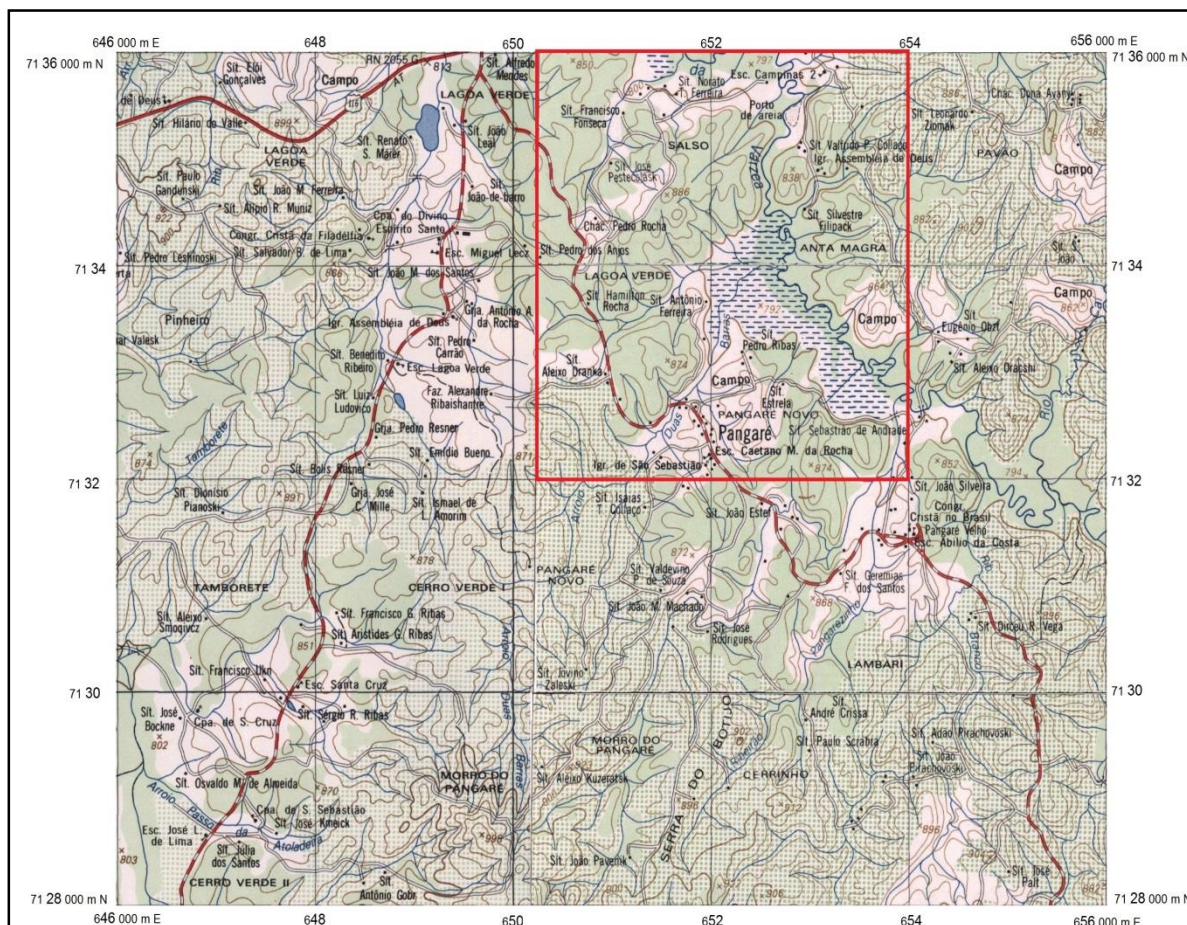
**Figura 2: Imagem das terras de plantar, faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul.**  
Fonte: Marcelo Barreto, 2008.



**Figura 3: Localização do município de Quitandinha (em destaque) onde se encontra o faxinal do Salso.**

Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikipedia, 2006.





**Figura 4: Croqui de localização do faxinal do Salso no município de Quitandinha (em destaque).**  
Fonte: Adaptado de IBGE, 1991.

A prática do uso comum das terras é encontrada nas porções Centro-sul e Sudeste do Estado do Paraná, bem como em todas as cinco regiões do Brasil; cada qual com suas singularidades. No passado (há 50 anos), as cercas que delimitavam as áreas destinadas ao uso comum eram utilizadas para defenderem as lavouras da invasão dos animais. Com o avanço da monocultura e a construção de obras de infraestrutura nessas regiões a área destinada ao uso comum foi diminuindo e a cerca passou a ter a função de delimitar propriedades, deixando esses animais com espaço mais restrito para apascentarem.

### 3 AS TERRAS DE USO COMUM

As terras de uso comum compõem uma fração do território da reprodução social dos faxinalenses. As práticas ligadas ao seu uso representam uma “modalidade” de uso comum dos recursos da natureza, em que a apropriação coletiva acontece em meio a um consenso por parte dos membros de cada comunidade (ALMEIDA, 1989).

As terras de uso comum dos faxinais não estão associadas a uma racionalidade que se configura pautada pelo desenvolvimento capitalista, mas se sustentam pelo consentimento coletivo dos diversos sujeitos que praticam esse uso comum. Os criadouros comunitários se criam e se recriam em um movimento que emerge da espontaneidade, a partir de situações que são constantemente renovadas diante da redefinição de relações que se projetam na escala global.

Este *consentimento coletivo* está associado ao conceito de *costume*, desenvolvido por Edward Palmer Thompson (2005). Neste caso, as regras acatadas consensualmente são elaboradas internamente, a partir de práticas ligadas ao cotidiano das pessoas, próximo aos sujeitos que delas partilham. Tal elaboração, que se convencionou chamar de direito costumeiro, obedece aos costumes, definidos a partir das experiências vividas (THOMPSON, 2005).

Segundo Alfredo Wagner Berno Almeida (*op. cit.*), por estarem em meio a situações de conflito frente aos antagonistas que buscam suprimir seu território, marcadas por extremas adversidades, o acesso dos faxinalenses à terra não se dá apenas pelas tradicionais estruturas intermediárias da família e dos grupos de parentes, mas pelo grau de coesão e solidariedade que estas situações provocam, fortalecendo politicamente as redes de relações sociais.

Para o referido autor, as terras de uso comum,

designam situações nas quais o controle dos recursos naturais não é exercido livre e individualmente por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores diretos ou por um de seus membros. Tal controle se dá através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares, que compõem uma unidade social (p. 163).

Essas normas se limitam às discontinuidades dos territórios dispersos geograficamente, cujos aspectos históricos e etnológicos são os mais variados. Isso leva não a uma fragmentação, mas a uma multiplicidade de categorias de terras de uso comum. Segundo Almeida (1989), são “invariantes coextensivos ao constante significado de terra comum” (p. 164). Entende-se, portanto, que as terras de uso comum encontram-se tão dispersas geograficamente que as normas, acatadas consensualmente pelos diferentes grupos, se limitam às suas territorialidades. Se a territorialidade aparece como unidade de recorte, percebe-se que existe uma diversidade de categorias de terras de uso comum presentes no Brasil (ALMEIDA, 1989).

As terras de uso comum não representam unidades sociais com totalidades homogêneas e de caráter igualitário. Existe, internamente, um grau de diferenciação bastante forte que implica em desigualdades, inclusive quanto ao acesso aos recursos básicos no interior das comunidades. Essa gestão dos recursos se faz livre de mecanismos opressores da força de trabalho, mas, por outro lado, não se apoiam em princípios de igualdade.

Enquanto os costumes se mantêm como forma jurídica interna à comunidade, o uso comum prevalece. No momento em que práticas ligadas à vida nas cidades passam a atuar dentro das comunidades, o uso comum fica ameaçado. Neste momento a resistência ganha força no sentido de defender as práticas costumeiras. No entanto, não se pode determinar que as ações empreendidas pelos diversos sujeitos ditos externos levam definitivamente à supressão dos faxinais. As relações podem ter várias origens e ressignificações no processo de construção dos criadores nos faxinais, que não somente atuam no sentido de manter ou suprimir este modo de vida.

Aponta-se para a importância de se compreender quais são os pontos mediadores das relações que vêm figurando nas comunidades. A terra para o faxinalense, ao mesmo tempo em que se constitui fonte de renda pré-capitalista, em forma de produto, trabalho e dinheiro, aparece também como de uso comum, em um equilíbrio de forças que atuam no sentido de manter a reprodução do modo de vida desses sujeitos. É uma terra de uso comum que se constrói de forma contraditória.

Os faxinalenses avançam no processo histórico de suas existências como grupo social camponês, definindo estratégias para produzir e reproduzir as condições sociais para a sua recriação - condições estas pautadas por relações que se processam em três níveis que se complementam: da *família*, do *grupo social* e do *mundo*.

#### **4 CONSTRUINDO POSSIBILIDADES: AS RELAÇÕES NAS ESCALAS**

A abordagem relacional-escalar dos três níveis (*mundo, família e grupo social*) compõe a forma pela qual se procurou compreender a reprodução social e a espacialização das atividades dos camponeses faxinalenses (BARRETO, 2013). O nível *mundo* pode ser entendido por meio da esfera do Estado e do capital, bem como da ação de ONGs e pesquisadores. A *família* é o nível da reprodução social dos faxinalenses, com suas representações e seu modo de vida. O *grupo social* corresponde aos camponeses na resistência

frente ao movimento supressor de suas terras e do seu modo de vida promovido essencialmente pelo capital. Neste caso, no nível do *grupo social* as relações tendem a ganhar projeção nas esferas estatais por meio da ação política.

O movimento global, representado pela unidade *mundo* é a tentativa do agronegócio de anexar o território dos faxinais à produção e circulação do capital. Esta tentativa se expressa de diversas formas, as quais aparecem sob as seguintes formas: conflito, subordinação e assimilação.

Enquanto que no primeiro (conflito) a relação é de enfrentamento, na segunda e na terceira (subordinação e assimilação) a relação se caracteriza pela aceitação das condições impostas para o camponês pela sociedade envolvente. No caso do Estado, este aparece como agente regulador. No entanto, nem sempre as esferas estatais se apresentam favoráveis ao projeto proposto pelos faxinalenses para a manutenção de suas comunidades, principalmente no que tange aos governos municipais. Há prefeituras, por exemplo, que se posicionam contra a existência dos faxinais por estarem no caminho do desenvolvimento empreendido pelo agronegócio.

O nível da *família* corresponde ao do *habitar*; onde o sujeito desenvolve suas relações, não somente entre si, mas com a natureza e com a sua própria natureza. Para Henri Lefebvre (2002), este *habitar* não se configura unicamente a partir dos elementos encontrados no nível *mundo*, mas se projeta para este levando consigo seus elementos. Apesar de ter sido encontrado em alguns faxinais a subordinação da força de trabalho desses camponeses à atividade industrial<sup>4</sup>; por outro lado, a subversão das relações mediadas pelo capital encontrava sentido nas relações de compadrio e nas práticas de uso comum. Práticas estas características do modo de vida camponês como um todo (SHANIN, 1980).

As festas, as místicas, os encontros, os puxirões<sup>5</sup>, as reuniões de associações e demais eventos também constituem momentos em que os elementos do nível *mundo* são internalizados e subvertidos para ganharem sentido a partir do vivido. Tanto o nível da *família* quanto o do *grupo social* representam o lócus da reprodução social dos faxinalenses. Neste último (*grupo social*), o elemento político ganha força na conformação das relações.

---

<sup>4</sup> A atividade de integração com as indústrias fumageiras é um exemplo dessa subordinação, em que essas famílias se transformam em fornecedores de matéria-prima.

<sup>5</sup> Puxirão se caracteriza por um trabalho realizado em conjunto pelos moradores de um faxinal. Geralmente o puxirão é realizado na manutenção da cerca que delimita a área dos criadores. O puxirão também acontece quando um morador que não possui membros suficientes na sua unidade familiar para a realização de uma determinada tarefa solicita a ajuda de seus vizinhos em troca de trabalho.

No nível do *grupo social* os faxinalenses desenvolvem as estratégias para defender seus territórios e permanência na terra. A luta dos faxinalenses se atrela a um movimento geral de emergência e de afirmação de identidades que envolvem outros povos e comunidades tradicionais no Brasil, como os Quilombolas, Quebradeiras de Coco, Ribeirinhos, Caiçaras e outros.

No nível do *grupo social*, existe a aliança entre a construção da identidade política e outra simbólica; aquela determinada por esta. Prevalece, assim, o sentimento de pertencimento que se constrói a partir da autoafirmação coletiva orientada pelos saberes específicos que são oriundos da vivência e das relações travadas cotidianamente entre seus membros ao longo do tempo e que se fazem presentes nas comunidades de faxinais nos dias de hoje. Entende-se que a afirmação como povo tradicional representa uma estratégia política de autoafirmação desses sujeitos sociais oriunda de uma situação de defesa contra a supressão do seu território (ALMEIDA, 2004).

A construção da identidade, como representação, existe em relação a alguma coisa e exprime, socialmente, uma posição de destaque e reconhecimento da diferença. Quando esse reconhecimento é conquistado, e não somente atribuído, a construção da identidade ganha um sentido específico. Em meio à diversidade de relações, a identidade traça os limites do grupo e determina as interações dos diversos sujeitos. No caso dos faxinalenses, a construção da identidade está associada ao seu modo de vida; age como representação e parte de um processo de luta coletiva.

A coesão do grupo depende não somente do reconhecimento consentido por parte daquele que detém o poder, mas também da sintonia entre o discurso deste, que anuncia ao grupo a sua identidade, e a objetividade desse grupo na assimilação desse discurso. Neste caso, são nas afinidades econômicas ou culturais entre ambos que este processo se efetiva. A relação entre os membros do grupo está fundamentada, assim, no grau de pertinência que existe na relação entre o econômico e o cultural (BOURDIEU, 2010).

Para Pierre Bourdieu (2010),

o fato de estar em jogo, nas lutas pela identidade – esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros - a imposição de percepções e de categorias de percepção explica o lugar determinante que (...) a dialética da manifestação detém em todos os movimentos regionalistas ou nacionais (p. 117).

A percepção do grupo de uma unidade, com uma visão e uma divisão comuns impostas enquanto princípio norteia a autoafirmação. A partir do momento em que esses camponeses se afirmam faxinalenses, a luta assume novo papel, as disputas internas e com o entorno figuram em níveis que não são mais resolvidos localmente, mas envolvem a esfera do Estado.

Neste ambiente emerge o movimento social Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF). Para dar maior visibilidade ao grupo dos faxinalenses, no contexto social global, e para fazer valerem as políticas públicas que beneficiem suas comunidades, a APF vem promovendo encontros e oficinas, participando de audiências e denunciando casos nos quais a lei que regulamenta o seu modo de vida não é cumprida<sup>6</sup>.

O fortalecimento da unidade (como sujeito em luta pela permanência na terra), por meio da construção da identidade, ofereceu aos faxinalenses a possibilidade de implementar sua luta em outras esferas, visto que, em âmbito local, as dificuldades de se fazer entender eram constantes, principalmente no que se refere à resolução de conflitos com moradores e confrontantes.

Se para os faxinalenses os problemas cotidianos são resolvidos por meio da busca desse reconhecimento. Para algumas prefeituras locais, a resolução desses mesmos problemas requer a interferência da esfera estadual, pois estas se colocam em uma posição antagônica ao modo de vida camponês dos faxinalenses. Ou seja, as terras de uso comum, que sempre estiveram na localidade, tornam-se algo estranho aos municípios quando estas adquirem o nome de faxinais. No entanto, posteriormente elas acabam sendo reconhecidas, não localmente, mas em nível estadual. Assim, muitas vezes diante das situações de conflito, os governos estadual e federal precisam dizer para o municipal o que acontece dentro dos seus limites e como os faxinalenses devem ser tratados.

Embora seja de grande importância, a luta que os faxinalenses travam cotidianamente pela permanência na terra, esta não se restringe ao processo político da construção da identidade. Existem também associações de moradores em comunidades que não fazem parte do Movimento Social APF e que estão organizadas para restringirem ações específicas de um morador estranho à comunidade (chacareiro) bem como com a finalidade trabalharem na manutenção de uma cerca para definirem melhor as áreas destinadas ao uso comum.

---

<sup>6</sup> O Decreto Estadual 3.446/97 reconhece a existência dos faxinais no Paraná e regulamenta as atividades dentro dos seus criadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta dos faxinalenses pela permanência na terra e pela defesa do seu território não é recente; ela ganha novos componentes e significados em um processo continuado ao longo do tempo. Desde 2005, quando surgiu a APF, as conquistas desses sujeitos frente às forças supressórias vêm se tornando cada vez mais possíveis. Isto não só permitiu aos faxinalenses obterem maior visibilidade no cenário nacional e internacional, mas também vêm garantindo, ainda que de forma insuficiente, o repasse de recursos e a formulação de políticas públicas por parte das esferas governamentais. No entanto, muito ainda existe por ser feito para que eles possam garantir a segurança necessária para que possam continuar transmitindo seus saberes e seu modo de vidas para as gerações futuras.

Os recursos de uso comum, principalmente a terra, vêm se tornando, cada vez mais, alvo do capital financeiro, que atua no sentido de alienar esses bens principalmente com o intuito de preparar áreas para o avanço do agronegócio. Em contrapartida as demarcações e homologações dos territórios dos povos e comunidades tradicionais por parte do Poder Executivo, ainda que a lentos passos, vêm trazendo esperança para camponeses e indígenas na continuidade da reprodução do seu modo de vida. Neste sentido, atenta-se para a luta dos faxinalenses e demais povos tradicionais como estratégia não só de resistência ao avanço desse capital financeiro, mas como proposta de abertura do campo para que se busquem formas alternativas de desenvolvimento para o futuro da sociedade.

Os faxinais do Paraná estão sendo estudados por pesquisadores de diversas áreas. São geógrafos, sociólogos, antropólogos e demais profissionais, preocupados em compreender quem são os faxinalenses na atualidade. Pensar as relações e articulações por meio das projeções que elas alcançam, em diversos níveis, pode se constituir como uma forma de subsidiar a elaboração de políticas públicas não somente para os faxinalenses, mas para grupos camponeses que incorporam a autoafirmação coletiva como estratégia de luta pela permanência na terra.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de índio: uso comum e conflito. In: **Caderno NAEA**, Belém, n. 10, p. 163-196, 1989.

\_\_\_\_\_. Terras Tradicionalmente Ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n. 1, pp. 09-32, 2004.

BARRETO, M. **Territorialização e Tradicionalização**: refletindo sobre a construção da identidade faxinalense no Paraná. 2013, 225p. (Tese de Doutorado), USP, São Paulo, 2013.

BOSSI, E. **O Trabalho da Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOUEDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Decreto 6.040 de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 08 de fevereiro de 2007.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SHANIN, T. A Definição de Camponês, Conceituações e Desconceituações: o velho e o novo em uma discussão marxista. In: **Estudos CEBRAP**, Petrópolis, n° 26, 1980, pp. 43-79.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.